O nível morfológico

Até aqui, estudante, você já aprendeu que a Libras é uma língua natural, como qualquer língua oral, e que ela apresenta níveis de análise. Dessa forma, o nível fonológico da Libras, assim como nas línguas orais, é composto pelas menores unidades sem significado da língua, mas distintivas entre si, sendo que a junção desses elementos menores sem significado resulta nos morfemas, o objeto de estudo desta aula. Comparativamente ao nível fonológico, o estudo do nível morfológico na Libras apresenta menos material linguístico para análise. Segundo Leite (2008, p. 26), "ao passo que a fonologia das línguas de sinais parece se constituir como um de seus níveis mais poderosos [...], a morfologia, diferentemente, parece ser um nível de análise significativamente limitado quando comparado com línguas como o português".

Essa limitação de que fala Leite é natural, não deve ser entendida de modo negativo. Trata-se apenas da diferença entre como cada língua se organiza. A morfologia do português, por exemplo, se comparada à do latim, é considerada limitada, tendo em vista a riqueza morfológica dessa língua. Todavia, se comparada à morfologia do chinês, a do português é riquíssima, uma vez que a língua dos chineses é monomorfêmica, isto é, todas as palavras são constituídas de um único morfema, não podem ser segmentadas em elementos menores.

Esclarecido isso, a proposta para esta aula é que você conheça o nível de análise morfológico de forma geral, compreenda o conceito de palavra e se aproprie dos processos de formação de palavras na Língua Brasileira de Sinais. Tudo isso será trabalhado com o intuito de que o conhecimento dos fundamentos morfológicos aqui apresentados contribuam para o enriquecimento e emprego adequado do vocabulário da Libras.

O que é morfologia?

Geralmente, ouve-se falar de morfologia já na escola, no Ensino Fundamental. Nas aulas sobre gramática, a morfologia é definida como o campo

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

de estudo que aborda a estrutura interna das palavras, ou, simplesmente, o campo responsável por estudar como as palavras são formadas e quais suas classes. Em linhas gerais, essa concepção de morfologia não está errada, pois é verdade que o limite do universo de análise da morfologia é a palavra. Todavia, se não houver clareza sobre o que é uma palavra, sobre como identificá-la, essa definição de morfologia como o estudo da formação e classificação de palavras cai por terra.

Na perspectiva de Sandalo (2001, p. 182), "a existência de palavras é assumida como uma realidade pela maioria de nós, linguistas ou não. No entanto, não é simples definir o que é uma palavra. [...] um dos problemas básicos é identificar critérios para definirmos as unidades básicas de estudo". Conforme a autora, qualquer um assume a existência de palavras na língua. Do contrário, as pessoas não usariam expressões como *guarde as minhas palavras*, *medir as palavras, palavra de rei não volta atrás,* entre outras. Da mesma forma, qualquer falante do português responderia afirmativamente à pergunta sobre se *inconstitucionalissimamente* é uma palavra do português, mas diria não se tratar de uma palavra do português a forma *filocapoaderitarmo*. Esse é um julgamento implícito, que permite saber ao falante o que é e o que não é uma palavra de sua língua. Mas é preciso que haja critérios claros ao se empreender um estudo linguístico da morfologia de qualquer língua. Por isso, a seguir é apresentado o caminho de discussão empreendido por Sandalo (2001) para demilitar que critérios seriam esses.

Segundo Sandalo, identificar as palavras com o seu significado não ajuda, pois *construtor* e *aquele que constrói* apresentam o mesmo significado, entretanto, o primeiro se trata de uma palavra e o segundo de uma sentença. A autora argumenta que critérios fonológicos também não resolvem o problema de identificar palavras, pois é "impossível elaborar um teste baseado em critérios fonológicos que possa ser categoricamente aplicado para qualquer língua para sabermos se estamos lidando com uma palavra ou frase" (SANDALO, 2001, p. 182).

Diante de tais impasses, critérios sintáticos são empregados para identificar e definir o que é uma palavra, pois esses critérios, até onde se sabe, funcionam bem em qualquer língua. Assim, uma sequência de sons somente pode ser definida como uma palavra se (i) puder ser usada como resposta mínima a uma pergunta e se (ii) puder ser usada em várias posições sintáticas (SANDALO, 2001). Nesse sentido, *maçã* é uma palavra, pois serve de resposta mínima a uma pergunta e pode ser usada em várias posições sintáticas, tal como apontado nos exemplos a seguir:

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

1. De que fruta você gosta?

   Maçã.

2. Eu prefiro maçã verde à maçã argentina.

   Maçã verde é a que eu prefiro.

Com base nesses critérios, chega-se à definição de que *palavra é a unidade mínima que pode ocorrer livremente*. Definido o conceito de palavra, tem-se em mãos a unidade máxima da morfologia, já que esta se interessa por saber como se estruturam as palavras, em identificar quais os menores elementos dotados de significado que compõem uma dada palavra. Isso implica que as menores unidades de estudo da morfologia são os elementos dotados de significado que entram na formação de uma palavra, os quais são denominados de *morfemas*. Sandalo (2001, p. 184) observa, após tal definição, que "apesar de muitas pessoas afirmarem que a palavra é a unidade mínima que carrega significado, o morfema é que o é".

A tarefa agora é entender o que a autora quer dizer sobre "unidade mínima que carrega significado", para que você possa, de fato, operar com o conceito de morfema. Para tanto, observe os exemplos abaixo:

3. Costureiro = aquele que costura.

4. Cozinheiro = aquele que cozinha.

5. Construtor = aquele que constrói.

6. Condutor = aquele que conduz.

Se perguntassem a você sobre a possibilidade de essas palavras terem sido formadas a partir de outras palavras do português, você responderia afirmativamente, por reconhecer que *costureiro* vem de *costurar, cozinheiro* de *cozinhar, construtor* de *construir* e *condutor* de *conduzir*. Em seguida, se perguntassem, por exemplo, que pedaço da palavra *costureiro* remete ao significado de "aquele que faz algo", presente também nos exemplos (4), (5) e (6), facilmente você identificaria se tratar do pedaço *-eiro*. Portanto, o acréscimo de *-eiro* às palavras *costurar* e *cozinhar* acarreta o surgimento de um novo significado para essas palavras: o de que existem pessoas que costuram e cozinham, chamando atenção para a noção de "aquele que faz X". Com isso, você pode concluir que *-eiro* e *-tor* são

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

unidades mínimas das palavras exemplificadas anteriormente que carregam significado. O mesmo pode ser dito do pedaço que restou dessas palavras (*costur-, cozinh-, constru-, condu-),* pois são eles que lhe permitem identificar o que é o "X" que a dada pessoa faz.

No caso discutido anteriormente, as unidades mínimas portadoras de significado apresentadas carregam um significado que remete às coisas do mundo, significados que podem ser expressos por outras palavras, por isso elas se chamam morfemas lexicais. Há casos em que o significado codificado pelos morfemas não remete às coisas do mundo, mas à própria língua, indicando funções gramaticais, ligações entre elementos dentro da sentença, sendo, por conta disso, chamados de *morfemas gramaticais*. Os exemplos a seguir dão conta desse tipo de morfema:

7. a. Maria pegou emprestada a carteira de *João* e acabou perdendo a carteira *dele*.

   b. *Maria* pegou emprestada a carteira de João pois acabou perdendo a carteira *dela*.

8. a. João conseguiu *um lugar* para sentar.

   b. João conseguiu *uma cadeira* para sentar.

9. a. *João e eu* estáva*mos* na festa, mas *João* lev*ou* o bolo.

   b. *João* est*ava* na festa, mas *eu* lev*ei* o bolo.

No caso de (7a), é possível saber que foi João quem perdeu a carteira por conta da concordância, no masculino, apresentada pelo pronome *dele*, em que o *-e* marca o gênero masculino, ligando a carteira perdida ao João. Em (7b), pela presença do *-a* no pronome possessivo, marcando gênero feminino, é possível saber que a carteira perdida foi a de Maria. No exemplo (8), na primeira sentença, tem-se a forma *um* acompanhando o substantivo masculino *lugar* quanto ao gênero, o que muda ao se trocar *lugar* por *cadeira,* substantivo feminino que acarreta, por uma questão de concordância nominal, o acréscimo de *-a,* morfema de gênero feminino, ao artigo indefinido *um*. Em (9a), o verbo *estávamos* concorda com o sujeito da sentença (João e eu = nós) por meio do morfema *-mos,* sendo ele o pedaço do verbo responsável por fazer a ligação gramatical entre o sujeito e o verbo. É por conta também dessa ligação que é possível identificar em (9a) que o bolo foi levado por João, haja vista que o verbo *levar* concorda com o sujeito de terceira pessoa do singular (João). Em (9b), os morfemas também

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

fazem a ligação entre o sujeito e o verbo, conforme depreendido pelo destaque no exemplo. Se pensar bem sobre os exemplos, você poderá concluir que neste caso o aparecimento dos morfemas é motivado para cumprir um papel sintático na frase, estabelecendo ligações entre os constituintes da sentença, tendo, para tanto, que flexionar-se, no sentido de adaptação mesmo. Assim, já que esses morfemas se adaptam, se flexionam para indicar determinadas relações sintáticas, eles são chamados também de *morfemas flexionais*, ou apenas de *flexão*, ou, para o caso específico dos morfemas que fazem concordância verbal, são chamados também de *desinência verbal*.

Por fim, importa observar que, além de flexões encarregadas de informar a pessoa e o número (isto é, se é primeira, segunda ou terceira pessoa do singular ou do plural), por isso chamadas de flexão ou desinência número-pessoal, há também os morfemas acrescidos aos verbos responsáveis por informar o tempo verbal – passado, presente, futuro – da situação expressa na sentença e o modo do verbo, se indicativo, subjuntivo ou imperativo, estes são chamados de flexão ou desinência modo-temporal. Quando um morfema desempenha mais de uma função gramatical, diz-se que ele é cumulativo, posto que acumula funções.

Uma vez esclarecido o conceito de "menores unidades que carregam significado", de morfemas lexicais e gramaticais, pode-se passar à exposição dos dois ramos de estudo da morfologia: o derivacional e o flexional. Mas antes vale a pena conferir o que a metodologia estruturalista tem a dizer sobre o estudo dos morfemas de uma língua.

O estudo morfológico na perspectiva estruturalista

Para o estruturalismo, uma das preocupações da Linguística é tentar explicar como é possível reconhecer palavras que nunca foram ouvidas e como são criadas palavras que nunca foram proferidas. É o conhecimento dos morfemas da língua que torna tal explicação possível. "Assim, o problema central da Linguística para o quadro teórico estruturalista é identificar os morfemas que compõem cada língua falada no mundo" (SANDALO, 2001, p. 184).

De forma a cumprir tal empreendimento, uma parte central do estudo envolve identificar morfemas de línguas não previamente descritas, o que não é necessariamente um obstáculo, posto que a metodologia estruturalista mostra que não é preciso saber falar uma língua para ser capaz de identificar seus morfemas, sendo útil ter em mente os seguintes passos e atitudes frente à língua estudada:

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

- identifique formas recorrentes e tente observar qual é o pedaço de significado que recorre na tradução;
- não assuma que morfemas universalmente aparecem na mesma ordem que os morfemas do português;
- não assuma que todos os significados expressos por morfemas em sua língua nativa serão expressos em outra língua por um morfema específico;
- não assuma que sua língua nativa apresenta todos os contrastes morfológicos possíveis universalmente (SANDALO, 2001, p. 185).

No estudo da morfologia da Libras, como de qualquer outra língua, é importante não esquecer desses passos de análise, pois eles auxiliam para que o pesquisador não incorra em erro ao procurar estudar a morfologia de uma outra língua tendo a sua como parâmetro, porque os fenômenos morfológicos se distribuem de forma diferente em cada língua: para algumas esse componente da gramática é mais complexo, para outras não. Quanto a isso, convém considerar que para uma língua "[...] não há nenhuma 'vantagem' linguística em apresentar morfologia flexional ou desvantagem em ter morfologia predominantemente isolante [...]"[1] (PETTER, 2007, p. 61). Tendo isso em mente, parte-se agora para a diferenciação entre morfologia derivacional e flexional, para a seguir tratar da formação de palavras em Libras.

Morfologia derivacional e morfologia flexional: um panorama

Segundo Sandalo (2001), a morfologia derivacional tem a característica de alterar a categoria gramatical de uma palavra, criando uma nova palavra pertencente a outra classe de palavras. Considere o exemplo:

10. Nação – substantivo

    Nacional – adjetivo

[1] Morfologia isolante diz respeito a línguas em que as palavras são formadas por um único morfema, não podendo, portanto, serem decompostas em unidades significativas menores. Cada palavra corresponde a um morfema. O chinês é um exemplo de língua isolante.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Nacionalizar – verbo

Nacionalização – substantivo

As palavras *nação, nacional, nacionalizar* e *nacionalização* são derivadas, posto que se originam de outras. De *nação*, forma-se *nacional* pela adição do morfema *-al*, o que era um substantivo torna-se um adjetivo, havendo, portanto, alteração na categoria gramatical da palavra. Com o acréscimo de *-izar*, o adjetivo *nacional* resulta no verbo *nacionalizar*, o qual, ao ser adjungido pelo moferma *-ção*, se transforma no substantivo *nacionalização*. Os morfemas que geram novas palavras são morfemas que carregam significado lexical, nesse caso, morfemas lexicais, que são chamados também de morfemas derivacionais, pois o seu papel é derivar palavras.

Há também casos na morfologia derivacional em que a categoria gramatical da palavra pode não ser alterada pela adição de um morfema derivacional, mas, então, uma nova nuance de significado que pode ser parafraseada por uma palavra independente é adicionada. Nesse sentido, a adição de *re-* ao verbo *escrever* resulta no também verbo *reescrever*, sendo que o acréscimo de *re-* traz à palavra a noção de "escrever de novo".

Além disso, é preciso considerar que "a morfologia derivacional não é produtiva, isto é, não é qualquer morfema derivacional que pode ser adicionado a qualquer raiz, morfemas derivacionais têm muitas restrições de coocorrência" (SANDALO, 2001, p. 193). Restrições de coocorrência dão conta do fato de que alguns morfemas derivacionais se ligam a algumas bases e a outras não. O morfema *-izar*, considerado anteriormente, participa da formação de palavras como *cristianizar* e *oficializar*, mas não é possível formar *clinizar, *medicalizar.

A morfologia flexional, por sua vez, não altera categorias, apenas fornece formas diferentes de uma mesma palavra. A tarefa do morfema flexional é estabelecer ligações entre as palavras na sentença. Assim, na frase *nós estudamos* o morfema *-mos* indica que o sujeito da frase é a primeira pessoa do plural (nós). A morfologia derivacional, como visto no parágrafo anterior, cria novas palavras, novos lexemas. A morfologia flexional apenas muda as formas das palavras.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Analise:

Morfologia derivacional = novas palavras	Morfologia flexional = diferentes formas de palavras
constituição constitucional constitucionalizar constitucionalização	escrevo escreves escreve escrevemos escreveis escreves
São quatro palavras.	São seis formas diferentes de uma palavra: escrever.

Ao contrário da derivacional, a morfologia flexional é produtiva, não apresenta restrições de coocorrência. Isso significa, por exemplo, que qualquer verbo pode ser marcado por um morfema indicando terceira pessoa do plural. Exceções são muito raras, enquanto exceções na derivacional são muito frequentes.

De acordo com Quadros e Karnopp, nas línguas de sinais há descrições que se referem tanto aos processos derivacionais como aos processos flexionais. As autoras destacam, ainda, "que há um consenso no sentido de se entender os processos envolvendo a combinação de aglutinação e incorporação" (2004, p. 94). Na combinação por aglutinação, há uma organização composicional, na qual um elemento é acrescentado a outro, num processo concatenativo. Na incorporação, os elementos são inseridos no interior da palavra, o que se vê não é um acréscimo de material linguístico a uma base, mas antes uma substituição ou troca de alguns elementos no interior da palavra. Para diferenciar, basta pensar em como é formado o passado nos verbos do português e como se dá esse processo em árabe.

Distinção de processos de aglutinação e de incorporação	Árabe/Incorporação	Português/Aglutinação
	Kataba Kutib	Ele escreveu Estava escrito

Para entender a diferença entre concatenação e incorporação de morfemas, leve em conta que no quadro acima a última coluna corresponde à tradução dos termos em árabe. É possível ver que em português *escreveu* e *escrito* se referem à forma passada de *escrever,* pois é possível identificar um pedaço/morfema raiz (raiz é o morfema base sobre o qual um morfema derivacional ou flexional é adjungido) dessa palavra naquelas que sofreram acréscimo de material para expressar o passado. Mas no caso do árabe, não é possível identificar um pedaço de palavra que sofreu acréscimo para resultar em *kataba* e *kutib*. Talvez você

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

pense que isso se deva ao fato de você, provavelmente, não conhecer a língua árabe. Todavia, isso não é determinante, basta pensar no caso das formas *taked* (tomou) e *taken* (tomado) do inglês, mesmo que não se conheça a língua inglesa é possível perceber que elas foram formadas a partir do acréscimo de "d" e "n" à forma *take* (tomar). O que ocorre no árabe, na verdade, é que apenas as consoantes permanecem as mesmas (k, t, b) e que é a troca das vogais, no interior da palavra, que determina o tempo verbal expresso.

Mais à frente serão apresentados alguns casos de formação de sinais na Libras que ilustram tanto casos concatenativos quanto processos de incorporação de diferentes elementos dentro dos sinais.

Processos de formação de palavras

Nesta seção, a intenção é conhecer os processos pelos quais novas palavras, sinais, são criadas nas línguas de sinais. Para o início dessa exposição é conveniente considerar que:

> As línguas de sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas. Entretanto, *as línguas de sinais diferem das línguas orais no tipo de processos combinatórios que frequentemente cria palavras morfologicamente complexas*. Para as línguas orais, palavras complexas são muitas vezes formadas pela adição de um prefixo ou sufixo a uma raiz. *Nas línguas de sinais, essas formas resultam frequentemente de processos não concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização.* (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 87, grifo nosso)

Por meio do excerto há duas afirmações possíveis sobre a criação de sinais na Libras. A primeira delas é que o processo de incorporação de morfemas parece ser o principal meio, posto que é o mais frequente, de criação de sinais na Libras. A segunda afirmação depreendida é que, embora não frequentemente, processos concatenativos também são empregados na formação de novas palavras na Libras. Além desses recursos explicitados pelas autoras, há ainda a composição, que consiste em unir duas palavras independentes para formar uma nova palavra. Em português, palavras como *guarda-chuva*, *maltratado, benquisto* ilustram o processo de composição, os substantivos compostos como são chamados pela gramática tradicional. Em língua de sinais, a palavra *escola* é formada por dois sinais independentes *casa* e *estudar*. Esse processo é bastante comum na Libras e em outras línguas de sinais. Nas seções a seguir, os processos de derivação, incorporação e composição serão aprofundados no que concerne às línguas de sinais, uma vez que os estudos realizados sobre os referidos temas foram feitos na língua americana de sinais (ASL), mas são descrições válidas também para a Libras.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Derivação na língua de sinais

De maneira simplificada, pode-se assumir que a derivação na Libras consiste em criar um novo sinal para utilizar o significado de um sinal já existente num contexto que requer uma classe gramatical diferente. Na Libras, um exemplo bastante comum desse tipo de processo morfológico, que se trata de concatenação, é o que deriva nomes de verbos.

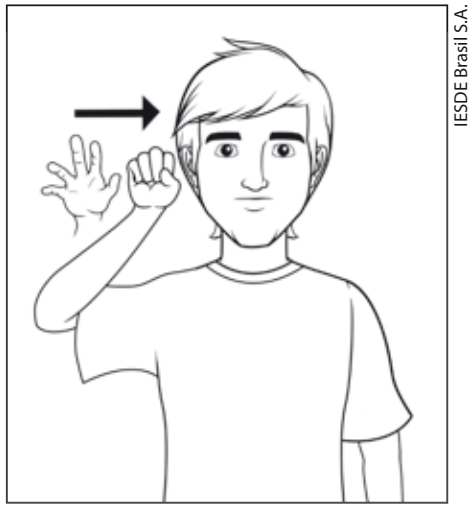
O sinal SENTAR, um verbo, que se constitui de um único morfema, quando combinado com um movimento repetido e mais curto, forma o substantivo CADEIRA. Nesse caso, o sinal foi formado por um processo de derivação, em que um morfema lexical (o sinal SENTAR) se une a um morfema gramatical (o movimento). Esse processo em que um nome é derivado de um verbo é denominado nominalização. Observe que em português *cadeira* não deriva de *sentar,* são dois vocábulos primitivos, isto é, que não derivaram morfologicamente de outro. Isso acontece porque as línguas são diferentes, uma língua pode escolher derivar um nome de um verbo enquanto outra, para expressar a mesma relação semântica, pode empregar vocábulos primitivos.

Quadros e Karnopp (2004, p. 97) explicam que, em Libras, um nome pode derivar de um verbo por meio da repetição e do encurtamento do movimento desse verbo. Observe a diferença nesse parâmetro, o do movimento, nos exemplos fornecidos a seguir:

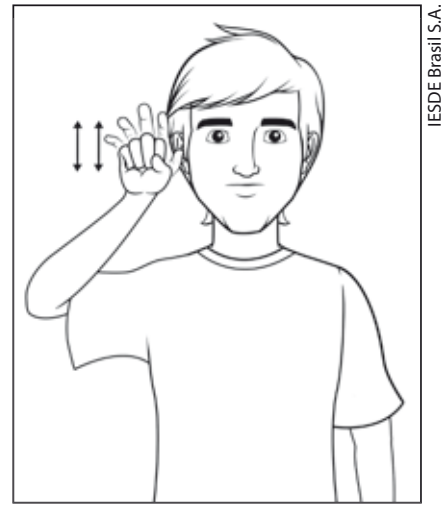
SENTAR.

CADEIRA.

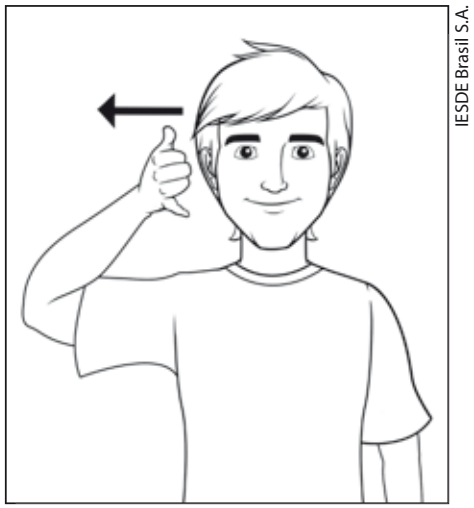
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br



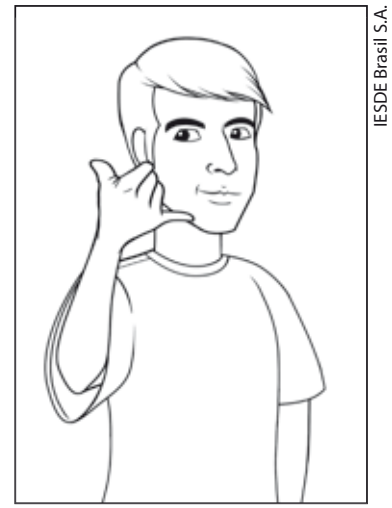
OUVIR.



OUVINTE.



TELEFONAR.



TELEFONE.

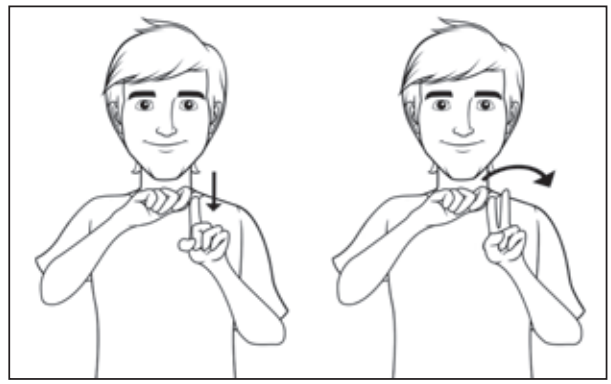
Nos casos ilustrados anteriormente, os sinais da direita são os primitivos, os que dão origem aos da esquerda, chamados de derivados. Você perceberá que os sinais da esquerda resultam da modificação do parâmetro movimento, pois todos os outros parâmetros (configuração de mão, ponto de articulação e orientação da mão) são mantidos. Então, a repetição ou reduplicação de um parâmetro (o movimento) do sinal base (primitivo) leva à criação de novos sinais, os produtos (derivados) do processo de derivação.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Em resumo, a Libras, por meio da derivação morfológica, "cria novas unidades a partir de formas já existentes, apresentando a tendência de repetir ou mudar o movimento na estrutura segmental da forma-base, enquanto mantém as outras unidades – locação, configuração e orientação de mão – inalteradas" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 101).

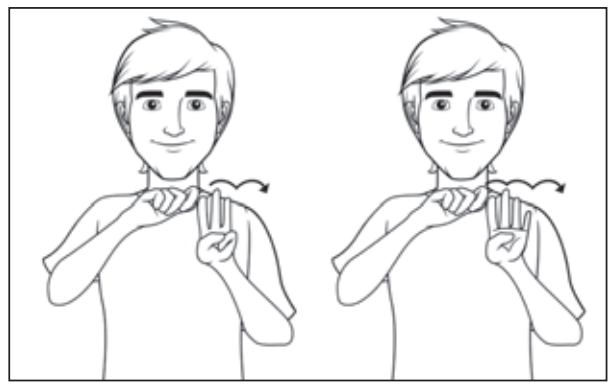
Incorporação nas línguas de sinais

Outro processo de formação de palavras é por meio da incorporação. Na Libras, é comum a incorporação de numeral para formar novos sinais. Nesse processo, a configuração de mão que representa o numeral se combina com outro morfema preso para formar um sinal. Por exemplo, no sinal de DOIS-MESES, apenas a configuração de mão se modifica, havendo o acréscimo de um dedo à configuração de mão utilizada para formar o sinal MÊS. Essa incorporação, no caso do sinal de MÊS, para indicar a quantidade de meses pode ir até quatro, conforme ilustrado:



IESDE Brasil S.A.

UM-MÊS. DOIS-MESES.

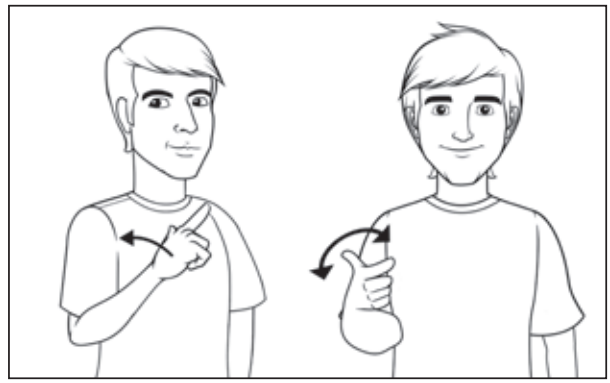


IESDE Brasil S.A.

TRÊS-MESES. QUATRO-MESES.

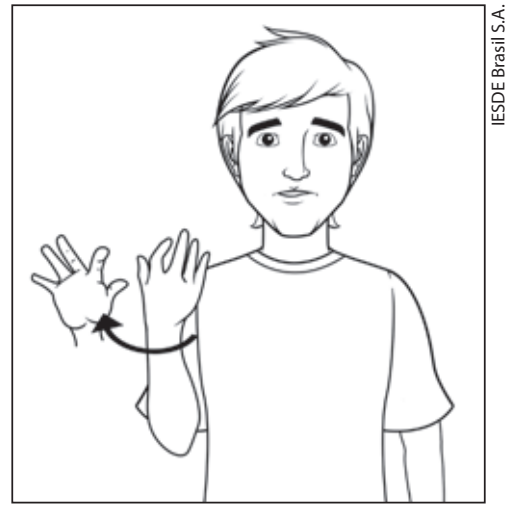
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

O fenômeno da incorporação também se verifica em alguns sinais que têm a negação incorporada em sua constituição. Para tanto, um dos parâmetros do sinal é alterado, em especial o parâmetro do movimento. Em alguns casos, altera-se somente a expressão facial do sinalizador. Os sinais NÃO-TER e NÃO--QUERER, verifique a seguir, são exemplos de incorporação de negação através da alteração do movimento.



TER. NÃO-TER.

QUERER.



NÃO-QUERER.

Composição nas línguas de sinais

A composição é um processo para formação de palavras que emprega expedientes sintáticos, já que os compostos são formados pela justaposição de palavras independentes na língua. A especificidade da formação de novos vocábulos por meio da composição se encontra no fato de que, diferentemente da derivação, ela permite categorizações cada vez mais particulares. Com base nessa

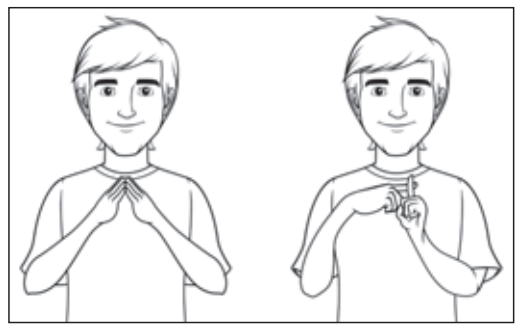
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

especificidade, os compostos, ao unirem duas palavras independentes, servem à nomeação ou à caracterização de seres, objetos, sentimentos, podendo realçar características peculiares dos mesmos.

Nesse processo, não raro, o significado dos compostos acaba se desligando dos elementos que os formam, isso quer dizer que o afastamento do significado do todo do significado das partes no processo de composição é natural. Nesse sentido, as partes do todo *guarda-chuva* não mantêm a mesma proximidade de significado que as partes de *guarda-roupa* mantêm com o todo. Em *guarda-roupa,* o significado isolado de *guardar* e *roupa* ainda está presente no composto, ainda é possível falar numa composição de significado em que é possível ver a contribuição das duas partes. Já em *guarda-chuva*, o significado isolado das partes está mais distanciado do significado do composto, já que, diferentemente de *guarda-roupa*, não se pode dizer que o significado de *guarda-chuva* é aquilo que guarda a chuva, na verdade, é o que protege alguém da chuva, pense também em compostos como *pé de moleque, girassol, madressilva, louva-a-deus*.

Entendido no que consiste a composição, é hora de você se familiarizar com as regras morfológicas para a criação de compostos na língua de sinais. Essas regras foram observadas durante a descrição do processo de composição na ASL e podem ser verificadas também na Libras, como demonstra o trabalho de Quadros e Karnopp (2004). De acordo com as autoras, que citam Liddel (1984), são três as regras morfológicas para a formação de sinais compostos: (i) a regra do contato; (ii) a regra da sequência única; e (iii) a regra da antecipação da mão não dominante.

A regra do contato determina que se os sinais formadores do composto apresentam contato, o primeiro, o segundo ou o único contato é mantido. Assim, num composto em que apenas o primeiro sinal apresenta contato, esse contato tende a permanecer. Se o primeiro sinal do composto não tem contato, mas o segundo tem, esse contato tende a ser mantido. No caso de ambos os sinais que formam o composto apresentarem o contato, este pode permanecer nos dois sinais ou em apenas um deles. Um exemplo dessa regra na Libras é o composto correspondente a *igreja* (CASA^CRUZ), em que ambos os sinais apresentam contato, que é mantido na realização do composto, como pode se verificar na ilustração:

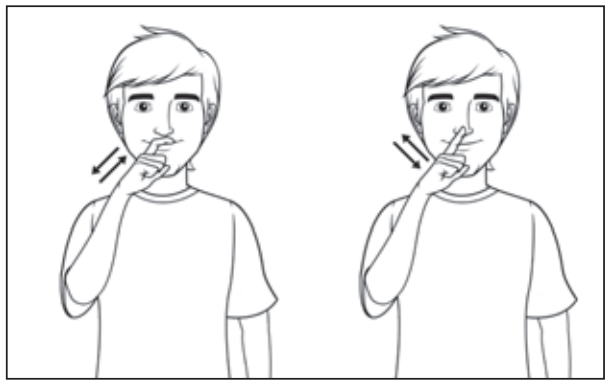


IESDE Brasil S.A.

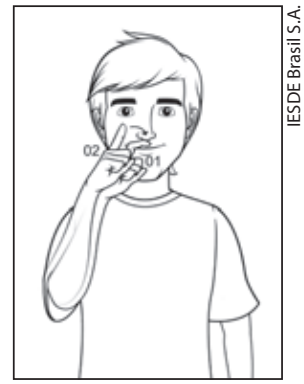
IGREJA.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

A regra de sequência única dá conta do fenômeno de que na composição de sinais o movimento interno ou a repetição do movimento dos sinais isolados são eliminados na composição, que apresenta apenas um movimento. Isso é exemplificado por Quadros e Karnopp (2004) por meio do sinal para pais, que em Libras é formado pela junção dos sinais de pai e mãe, os quais, isoladamente, apresentam movimento repetitivo, mas no composto a repetição do movimento de cada sinal é eliminada, observe:

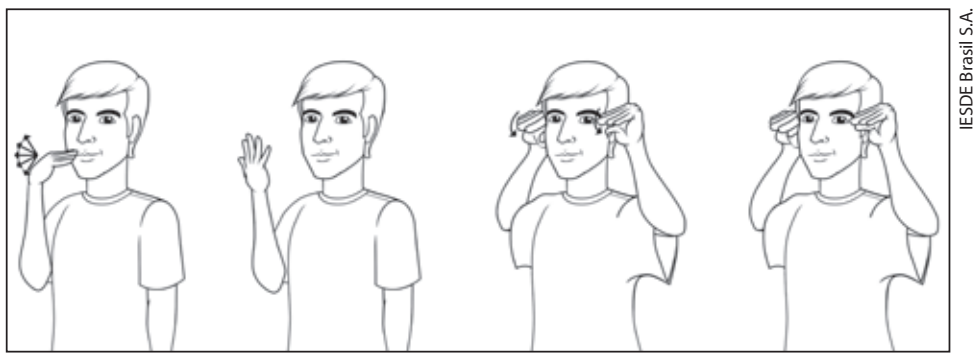


PAI. MÃE.



PAIS.

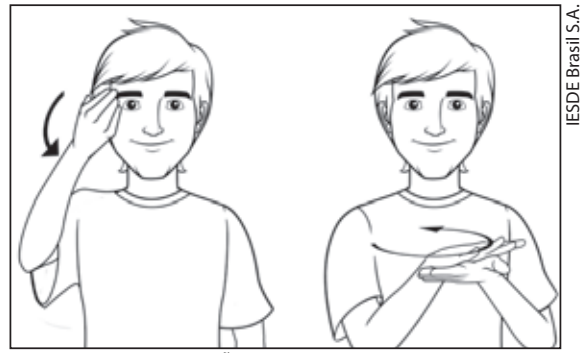
Finalmente, a regra de antecipação da mão não dominante estabelece que, em compostos envolvendo uma mão ativa e uma passiva, a mão passiva antecipa o segundo sinal no processo de composição. "Por exemplo, no sinal composto BOA + NOITE, observa-se que a mão não dominante aparece no espaço neutro em frente ao sinalizador com uma configuração de mão que envolve o sinal composto". (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 104). Dito de outra forma, isso quer dizer que a mão passiva não pode entrar no sinal composto depois de a mão ativa já ter iniciado o sinal, ela tem de estar lá desde o início, esperando o contato da mão ativa sobre ela. Analise os exemplos fornecidos:



BOA-NOITE.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

ACREDITAR.



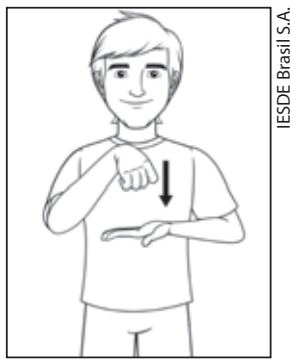
NÃO-ENTENDER.

No caso do sinal BOA-NOITE, é fácil entender por que ele é composto, já que se podem distinguir muito bem o sinal BOM e o sinal NOITE. Já em relação aos compostos ACREDITAR (em português se trata de uma palavra simples) e NÃO-ENTENDER (em português equivale a uma frase) "enxergar" os sinais que os compõem não é tão simples. Assim, repare na ilustração que o sinal ACREDITAR é composto pelos sinais SABER + ESTUDAR e o sinal NÃO-ENTENDER é formado pela união de SABER e NADA.

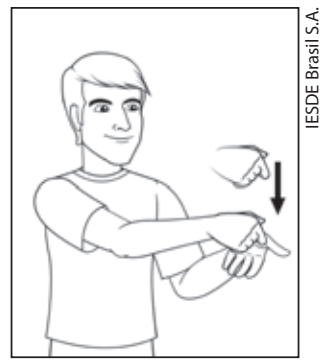
Flexão nas línguas de sinais

A Língua Brasileira de Sinais, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), apresenta vários processos de flexão. Identificada, geralmente, como uma mudança no parâmetro do movimento, o qual é visto como um acréscimo à raiz do sinal.

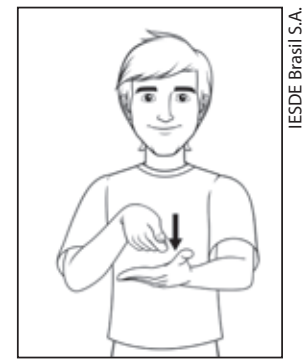
O primeiro caso a ser apontado é o da flexão utilizada para marcar as referências pessoais nos verbos com concordância: nem todos os verbos da Libras apresentam concordância. O referente é realizado por meio da apontação para diferentes locais no espaço, estabelecidos para identificá-los quando estes não estão presentes no discurso. No caso de referentes presentes, a apontação é direcionada para a posição real do referente. Observe os exemplos em glosas e em sinais:



PAGAR PARA MIM.

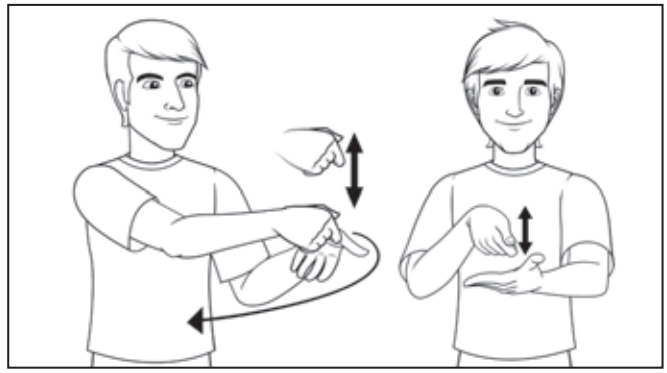


PAGAR PARA ELE.



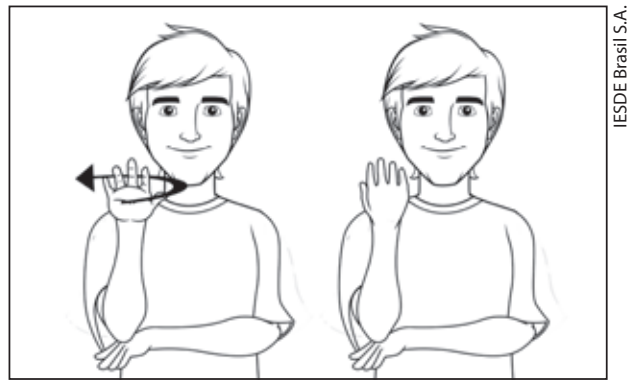
PAGAR PARA TI.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

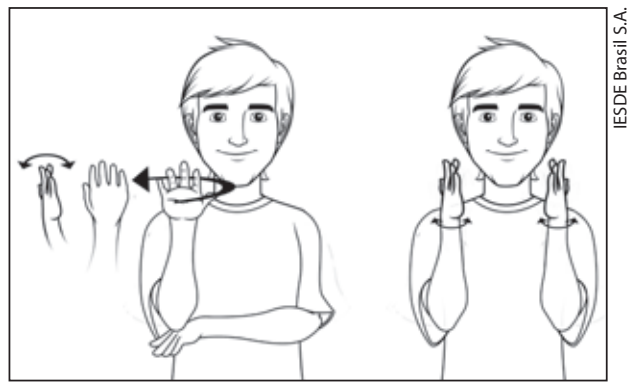


PAGAR PARA ELES.

Na Libras também há, segundo as autoras, a flexão que indica o singular, o dual, o trial e o múltiplo, trata-se, portanto, da flexão de número. Entre as várias formas de os substantivos e verbos apresentarem a flexão de número, uma é a diferenciação entre singular e plural, feita por meio da repetição do sinal. No caso de verbos com concordância, a flexão de número refere-se à distinção feita para um, dois, três ou mais referentes. Repare nos casos a seguir a repetição do sinal:



ÁRVORE.



ÁRVORES.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

ENTREGAR PARA UM.

ENTREGAR PARA DOIS INDIVIDUALMENTE.

ENTREGAR PARA TRÊS INDIVIDUALMENTE.

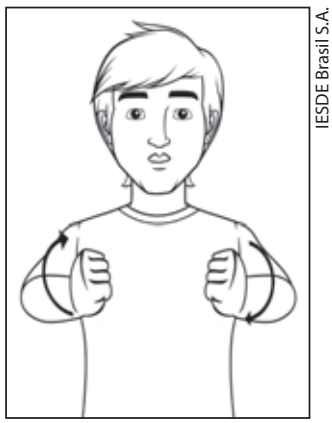
ENTREGAR PARA VÁRIOS INDIVIDUALMENTE.

Os substantivos e adjetivos da Libras apresentam distinções para “menor”, “mais próximo”, “muito”, “maior” etc., apresentando, portanto, na perspectiva das autoras, a flexão de grau:

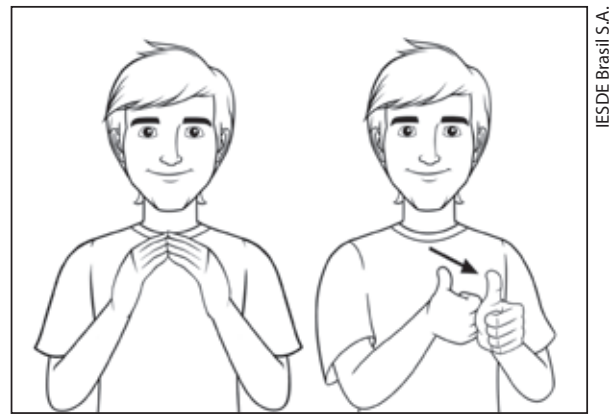
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

CARRINHO.

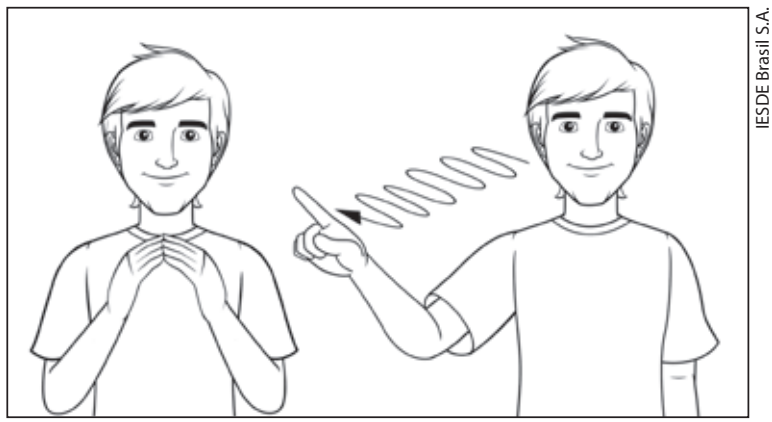
CARRO.



CARRÃO.



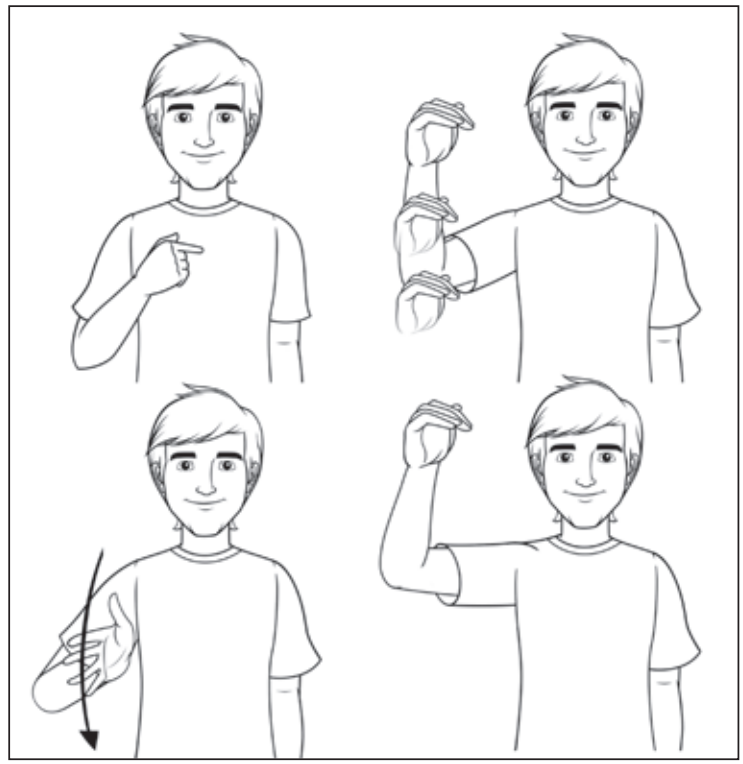
CASA PERTO.



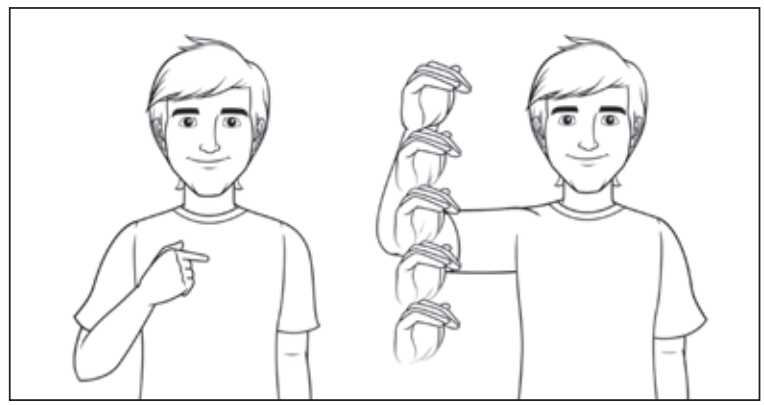
CASA LONGE.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Além das flexões já apontadas na Libras, há em Quadros e Karnopp (2004) a flexão para o aspecto verbal, que, grosso modo, informa como decorreu a situação referida na sentença, se durou ou não, se se repetiu etc. Essa informação é dada também pela alteração no parâmetro movimento do sinal raiz. Observe a diferença de sinalização entre:

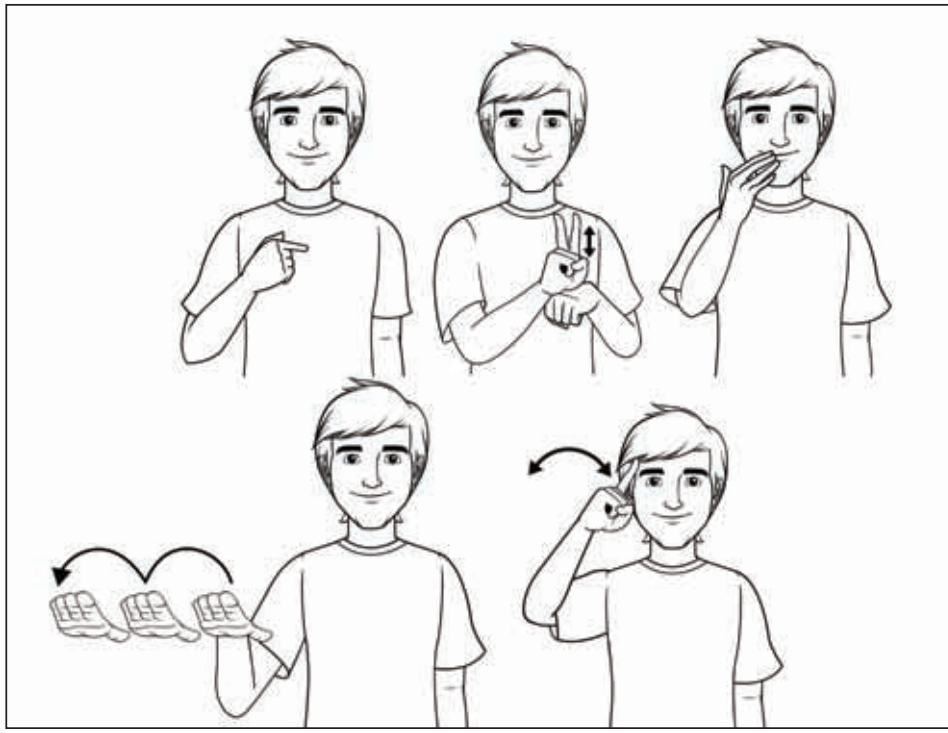


EU CRESCER, FICAR ADULTO.



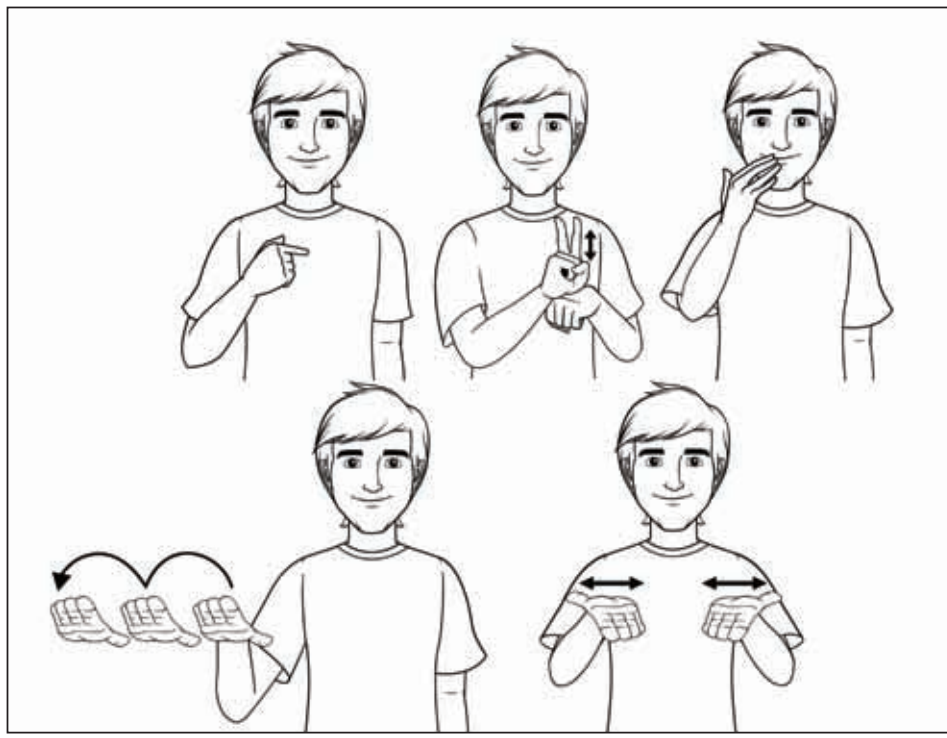
EU CRESCER $_{\text{progressivo}}$, FICAR ADULTO.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br



IESDE Brasil S.A.

EU CUIDAR CRIANÇA DIA TODO HOJE.



IESDE Brasil S.A.

EU CUIDAR CRIANÇA HOJE.

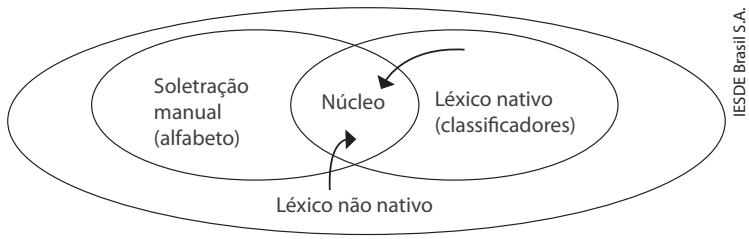
Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Em relação ao gênero, Ferreira-Brito (1995) afirma que não há marcação morfológica no sinal. Fernandes (2003) enfatiza que marcação de gênero não é relevante, a não ser que o gênero seja a questão em discurso. Nesse caso, são usados os itens lexicais HOMEM ou MULHER associados aos sinais.

O léxico da Libras

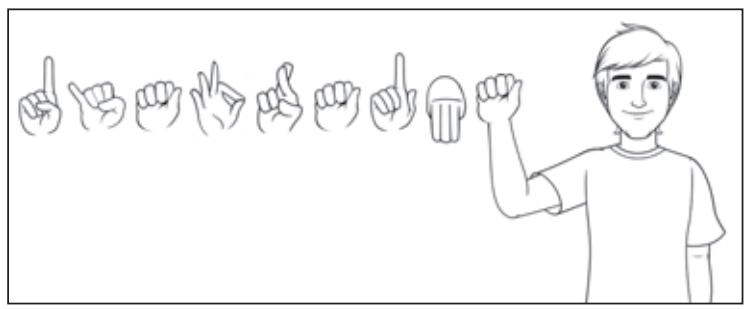
Após tudo o que estudou nesta aula até aqui, você pode, estudante, ter concluído que a estrutura dos sinais da Libras é complexa, por vezes compartilhando características com as línguas orais e por vezes apresentando características que lhe são específicas. E é isso mesmo! Agora, resta expor como se acredita que esteja organizado o léxico da Libras. Mais uma vez um estudo desenvolvido sobre a ASL serve de base para reflexões sobre a Língua Brasileira de Sinais na obra de Quadros e Karnopp (2004), a qual é tomada como referência aqui também.

As autoras apresentam a seguinte proposta de organização:



IESDE Brasil S.A.

Como você observou, a organização proposta se estabelece em termos da relação núcleo-periferia. No núcleo estão os sinais considerados nativos, aqueles que obedecem a todas as restrições de boa formação dos sinais (restrições fonológicas e morfológicas). Em direção à periferia, encontram-se as palavras estrangeiras, os sinais não nativos, sendo que alguns destes também obedecem às regras de formação de sinais. No extremo da periferia estão os lexemas estrangeiros, que respeitam minimamente as regras de estruturação de sinais na Libras.



IESDE Brasil S.A.

DIAFRAGMA.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Sobre o léxico não nativo, as autoras indicam, ainda, que ele contém também palavras do português que são soletradas manualmente. Como no caso de: D-I-A-F-R-A-G-M-A.

O alfabeto manual, datilologia, é um conjunto de configurações de mão que representam o alfabeto português. Assim, palavras do português podem ser tomadas emprestadas e passar a fazer parte do léxico da Libras. O empréstimo linguístico é comum a todas as línguas, o português, por exemplo, incorporou a seu vocabulário muitas palavras de línguas estrangeiras. Por fim, você encontra no texto complementar um panorama sobre o estado dos estudos morfológicos no Brasil, podendo, por meio da leitura do mesmo, estabelecer a que campo da morfologia os estudos morfológicos tratados nessa aula se dedicam.

Texto complementar

A morfologia no Brasil: indicadores e questões

(BASILIO, 1999, p. 53-57)

Enquanto disciplina linguística, a morfologia tem uma história recente no Brasil. De menor relevância como objeto de estudo nas gramáticas tradicionais, passou a ser de mais interesse no período de influência do estruturalismo. Mas o estruturalismo descritivista foi logo suplantado na Linguística brasileira pela Teoria Gerativa, que havia então desviado para outros componentes o tratamento de fenômenos tradicionalmente considerados morfológicos.

Há duas fases de fundamental relevância no desenvolvimento da Linguística no Brasil. A primeira, de meados da década de 1960 até os inícios da década de 1970, corresponde aos estágios iniciais, a partir da instituição da obrigatoriedade do ensino de Linguística em todos os cursos de Letras do país. Na segunda fase, já em pleno desenvolvimento em virtude da demanda constituída na década anterior, a Linguística se integra ao quadro geral das demais disciplinas no salto de desenvolvimento da pesquisa e pós-graduação no Brasil. Esta fase se intensifica a partir de meados da década de 1970, com a gradual acumulação do número de mestres egressos dos primeiros programas de Mestrado em Linguística no país e com a chegada de um certo número de doutores em Linguística, sobretudo brasileiros, bolsistas da CAPES e CNPq.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Na primeira fase de desenvolvimento da Linguística no Brasil, sob a influência do estruturalismo, mormente americano, os estudos morfológicos começam a despertar interesse. De especial relevância nesta fase são os trabalhos de J. Mattoso Câmara Jr. (1970, 1971) sobre a língua portuguesa e estudos descritivos de morfologia de línguas indígenas. É de se ressaltar a presença de cursos de morfologia no Programa Unificado de Pós-Graduação em Linguística do Museu Nacional a partir de 1968, assim como nos Institutos de Linguística da USP em 1969, quando foi fundada a Associação Brasileira de Linguística.

Em meados da década de 1970, quando se consolida a segunda fase de (intenso) desenvolvimento da Linguística no Brasil, a morfologia voltava a ser legitimada como objeto de estudo na Teoria Gerativa, em especial os estudos lexicais, com a Hipótese Lexicalista (Chomsky, 1970) e sua repercussão imediata no estabelecimento de modelos de descrição lexical (Halle, 1973; Jackendof , 1975 e Aronof , 1976). Dada a incidência da fase mais expressiva do desenvolvimento da Linguística no país com o ressurgimento da Morfologia na Teoria Gerativa, então a caminho de tornar-se hegemônica, é natural que a Morfologia tivesse surgido como tema de certa relevância no Brasil justamente nesta época. Pelas mesmas circunstâncias, houve uma concentração inicial em questões lexicais, mormente envolvendo a nominalização.

Definida como o estudo da estrutura interna da palavra e/ou de suas variações de forma, a morfologia se confronta com problemas de definição de objeto, dada a múltipla pertinência da palavra como unidade lexical, gramatical, fonológica etc. Estas questões prejudicam a nitidez de um panorama de estudos morfológicos no que tange a decisões de pertinência de estudos particulares. Somam-se a estes problemas oriundos de proposições teórico-metodológicas específicas, entre os quais avultam o tratamento sintático de fenômenos morfológicos na Teoria Gerativa e o tratamento necessariamente não gramatical de categorias morfológicas na análise do discurso.

O quadro a ser apresentado deriva sobretudo de dois indicadores. O primeiro é o produto de um levantamento de títulos e temas centrais de trabalhos publicados na revista *DELTA*., que tem o apoio oficial da Abralin. O segundo corresponde ao cômputo das respostas a um questionário enviado a especialistas ou eventuais pesquisadores da área de Morfologia em diferentes instituições brasileiras, no qual eram solicitados dados referentes a projetos de pesquisa em morfologia nos últimos 10 anos.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

No momento atual, a morfologia no Brasil concentra-se sobretudo em problemas de representação lexical, dentro de uma abordagem gerativa. Abordagens sociolinguísticas, funcionalistas e discursivas de fenômenos morfológicos são minoritárias, assim como abordagens morfológicas de temas flexionais. Os dados a seguir especificam essa afirmação.

De um total de 14 trabalhos de morfologia publicados na revista *DELTA*. nos últimos 10 anos, 10 abordam questões lexicais e apenas quatro se dedicam à flexão. Além disso, no levantamento de projetos de morfologia, obtido junto a especialistas na área, foi constatado um total de 22 trabalhos sobre morfologia lexical, em confronto com 6 relativos a questões morfossintáticas e 6 dedicados a questões gerais, tais como o tratamento de clíticos e a elaboração de manuais de morfologia.

O predomínio da abordagem gerativa decorre da suplantação do estruturalismo no desenvolvimento dos estudos linguísticos no Brasil e da pouca relevância dada à estrutura vocabular em abordagens funcionalistas. Quanto à concentração no léxico, é possível que se deva em grande parte a interesses de linguistas que lideraram a formação de novas gerações, embora deva também ser considerado o fato de que a flexão já havia sido abordada no período de influência dos estruturalistas.

A segunda afirmação que se pode fazer acerca da morfologia nesta década é a do significativo desenvolvimento do interesse na área no país. É de se ressaltar a crescente atividade editorial, tanto em títulos novos publicados quanto em reedições e manuscritos em preparação. Verifica-se, outrossim, uma diferença de relevância da morfologia como tema em congressos e simpósios de âmbito nacional. Em terceiro lugar, começa a surgir em alguns programas de pós-graduação a preocupação de formar e contratar especialistas em morfologia e trazer professores visitantes. Esses indicadores, por um lado, refletem um interesse maior pela morfologia na Teoria Gerativa. O que é peculiar no caso do Brasil é o interesse em questões lexicais nem sempre relacionadas à sintaxe.

A maior parte dos trabalhos se concentra na descrição do português. É de se registrar, entretanto, o surgimento de pesquisas em áreas menos centrais, tais como Aquisição da Linguagem, Psicolinguística Experimental, Afasia, Fonologia Lexical, Descrição de Línguas Indígenas e Processamento de Linguagem Natural, o que reforça e amplia a configuração do quadro da pesquisa em morfologia no Brasil na última década.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

A morfologia brasileira se singulariza pelo interesse nas questões lexicais. Um segundo prolongamento desta preferência é a conexão semântica. Apesar da origem gerativa, a morfologia lexical brasileira se preocupa significativamente com a investigação do fator semântico nos processos de formação de palavras, o que certamente é uma abordagem minoritária e marginalizada na morfologia gerativa. Esta preocupação com o fator semântico na morfologia já se manifesta no início da década de 1980, e se mantém em várias publicações nacionais nas décadas de 1980 e 1990, assim como em livros e outros veículos menores. Neste sentido, o interesse mais consistente da morfologia no Brasil não se relaciona à sintaxe e à gramática, mas à semântica lexical e à lexicologia.

Dicas de estudo

- Capítulo "Formação de Palavras: as várias abordagens", do livro *Teoria Lexical*, de Margarida Basilio, 8. ed., São Paulo: Ática, 2007.

  Recomendado a quem tem interesse sobre como a formação de palavras é encarada nas diferentes abordagens linguísticas, podendo o interessado eleger para si a melhor proposta explicativa para os fins de seu trabalho.

- Artigo científico intitulado "Algumas notas sobre compostos em Português e em Libras" de Maria Cristina Figueiredo Silva e Fabíola Ferreira Sucupira Sell. Disponível em: <www.f ch.usp.br/dl/tardes_de_ling/FIGUEIREDOSILVA-SELL.pdf>.

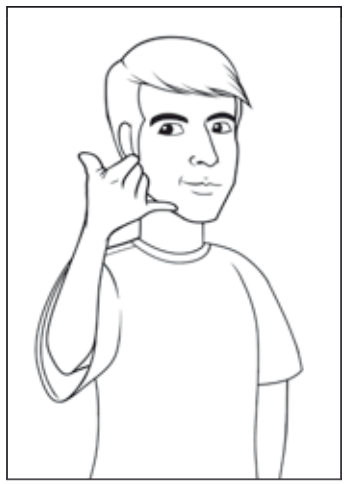
  Este artigo apresenta uma discussão aprofundada daquele que parece ser o processo de formação de palavras mais recorrente na Libras: a composição. Noções preliminares sobre morfologia são revistas, para o desenvolvimento do trabalho, sob a óptica da Teoria Gerativa com base no português. É um texto de leitura mais exigente, os não iniciados no assunto podem sentir a necessidade de recorrer a outras fontes, mas vale a pena pelo rigor metodológico e pela forte reflexão sobre se certos processos morfológicos são realmente encontrados na Libras como se costuma apontar.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

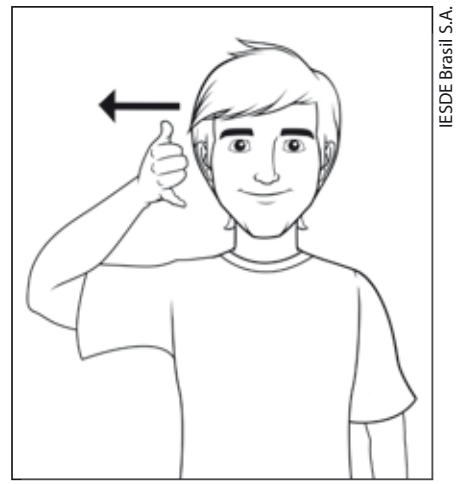
Atividades

1. Tomando por base a exposição sobre como identificar palavras, discuta se as formas *antiético*, *ético* e *anti* são palavras da língua portuguesa.

2. Defina os processos de derivação e incorporação na língua de sinais com base na distinção entre os pares de sinais TELEFONAR/TELEFONE e TER/NÃO-TER ilustrados a seguir.

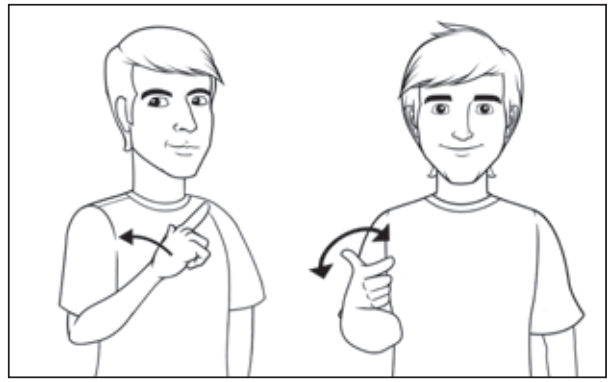


TELEFONE.



TELEFONAR.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br



TER. NÃO-TER.

3. Como se pode correlacionar a afirmação de Petter (2007, p. 61) de que "[...] não há nenhuma 'vantagem' linguística em apresentar morfologia flexional ou desvantagem em ter morfologia predominantemente isolante [...]" e as atitudes frente ao estudo da morfologia de diversas línguas estabelecidas pelo quadro estruturalista, relacionadas a seguir:

- Não assuma que morfemas universalmente aparecem na mesma ordem que os morfemas do português.
- Não assuma que todos os significados expressos por morfemas em sua língua nativa serão expressos em outra língua por um morfema específico.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

- Não assuma que sua língua nativa apresenta todos os contrastes morfológicos possíveis universalmente.

Referências

BASILIO, Margarida Maria de Paula. A morfologia no Brasil: indicadores e questões. **DELTA**., v. 15, n.º especial, p. 53-70, 1999. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300003>. Acesso em: 22 set. 2010.

FERNANDES, E. **Linguagem e Surdez**. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma Gramática das Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1995.

FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; SELL, Fabíola Ferreia Sucupira. **Algumas Notas sobre Compostos em Português e em Libras**. Disponível em: <www.f ch.usp.br/dl/tardes_de_ling/FIGUEIREDOSILVA-SELL.pdf>. Acesso em: 17 set. 2010.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A Segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIDDELL, Scott K. Think and believe: sequentiality in American Sign Language. **Language 60**, p. 372-399, 1984.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Morfologia. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística II**: princípios de análise. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

SANDALO, Filomena. Morfologia. *In*: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Gabarito

1. O esperado é que o aluno aplique os critérios sintáticos apontados com base em Sandalo (2001) para identificar quais dessas formas são efetivamente palavras. O resultado a que deve chegar é que *antiético* e *ético* se tratam de palavras da língua portuguesa, pois servem de resposta mínima a uma pergunta e podem ocorrer em várias posições sintáticas. Já *anti* não se trata de uma palavra, pois não serve de resposta mínima a uma pergunta e não pode ocorrer em várias posições sintáticas. Pode ocorrer de os alunos argumentarem que *anti* pode ocorrer como resposta mínima a uma pergunta como "Você é anti ou pró-governo?". Caso em que o aluno não se dá conta de que está fazendo uma elipse, omitindo governo (antigoverno) e usando o prefixo como se ele fosse a palavra *contra*. Além disso, é preciso que, para ser considerado palavra, o item possa ocorrer com certa liberdade na estrutura de uma sentença, o que não ocorre com *anti*.

2. Em primeiro lugar, espera-se que o estudante seja capaz de reconhecer nos pares fornecidos os exemplos dos processos a serem definidos. Assim, o par SABER/NÃO-SABER é um exemplo de incorporação, processo morfológico que consiste em incorporar à palavra ou sinal elementos em seu interior, mas não da mesma forma como ocorre na derivação, em que se vê um acréscimo de material à base de uma palavra para criar outra, sendo possível delimitar na palavra ou sinal derivado a base da palavra ou sinal primitivo. Esse acréscimo, com possibilidade de identificação da base, é o que se vê no par TELEFONAR/TELEFONE, exemplo de derivação na Libras, em que por meio da repetição do parâmetro movimento do sinal de TELEFONAR surge o derivado TELEFONE, uma nova palavra com categoria gramatical alterada, o que caracteriza o processo de derivação.

3. Resposta mínima deve versar em algum momento sobre o fato de que não se pode estudar uma língua com preconceito, minimizando-a ou supervalorizando-a por conta de sua morfologia ser próxima ou distante à da língua nativa do pesquisador. Do ponto de vista linguístico, cada língua escolhe os recursos que julga melhor para expressar dados conteúdos ou funções, e se não há uniformidade entre as línguas isso deve ser encarado como uma prova da diversidade linguística e respeitado enquanto característica própria, e não ser visto como uma deficiência da língua.

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br

Este material é parte integrante do acervo do IESDE BRASIL S.A.,
mais informações www.iesde.com.br